



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS

EDUARDA DOS SANTOS SOUSA

**VER PARA APRENDER: ECOS DO *TOTAL PHYSICAL RESPONSE* NA
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA DA CRIATURA NA FICÇÃO *FRANKENSTEIN***

GUARABIRA-PB

2024

EDUARDA DOS SANTOS SOUSA

**VER PARA APRENDER: ECOS DO TOTAL PHYSICAL RESPONSE NA
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA DA CRIATURA NA FICÇÃO FRANKENSTEIN**

Trabalho de Conclusão de curso (Artigo) apresentado à coordenação do curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras Inglês.

Orientador (a): Prof. Dra. Luana Anastácia Santos de Lima

GUARABIRA – PB

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725v Sousa, Eduarda dos Santos.
Ver para aprender [manuscrito] : ecos do *Total Physical Response* na aprendizagem da língua da Criatura na ficção "*Frankenstein*" / Eduarda dos Santos Sousa. - 2024.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação : Profa. Dra. Luana Anastácia Santos de Lima, Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "
1. Compreensão. 2. Processos de aprendizagem. 3. Aquisição da linguagem. 4. Língua inglesa. I. Título
21. ed. CDD 420

EDUARDA DOS SANTOS SOUSA

VER PARA APRENDER: ECOS DO TOTAL PHYSICAL RESPONSE NA
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA DA CRIATURA NA FICÇÃO FRANKENSTEIN

Trabalho de Conclusão de curso
(Artigo) apresentado à coordenação do curso
de Licenciatura Plena em Letras Inglês da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial para a obtenção do título de
graduado em Letras Inglês.

Aprovado em 20 de junho de 2024.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
LUANA ANASTACIA SANTOS DE LIMA
Data: 12/07/2024 12:06:35-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dra. Luana Anastácia Santos de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Me. Mariane dos Santos Monteiro Duarte
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nobrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus, por até aqui ter me ajudado, e
a minha força de vontade de vencer, DEDICO.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 O FENÔMENO DA LINGUAGEM : AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM.....	10
3 COMPREENDENDO O QUE É DITO <i>VERSUS</i> PRODUZINDO FALA COMO RESPOSTA: O PROCESSO ATÉ A COMUNICAÇÃO.....	11
4 <i>TOTAL PHYSICAL RESPONSE</i> – VER, OUVIR, ASSOCIAR E PRONUNCIAR	14
5 METODOLOGIA.....	18
6 O DESENVOLVIMENTO DA FALA DA CRIATURA EM <i>FRANKENSTEIN</i> E SUA RELAÇÃO COM O TPR.....	19
6.1 Eco 1 - Observação e interpretação	19
6.2 Eco 2 – Internalização do que se ouve	21
6.3 Eco 3 – Repetição e produção fluída de conversa	22
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	24

**VER PARA APRENDER: ECOS DO TOTAL PHYSICAL RESPONSE NA
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA DA CRIATURA NA FICÇÃO FRANKENSTEIN**

**SEE TO LEARN: ECHOES OF TOTAL PHYSICAL RESPONSE IN LEARNING
CREATURE LANGUAGE IN FRANKENSTEIN FICTION**

Eduarda dos Santos Sousa¹

RESUMO

No cenário atual, com a globalização e o acesso a multiplicidade de nações, a aprendizagem de língua estrangeira é de suma importância, principalmente a Língua Inglesa. As pesquisas relacionadas a esse processo de aprendizagem da língua, materna ou estrangeira, antecedem anos, e a produção de fala e comunicação são áreas-chaves desse conteúdo; onde, até mesmo na literatura é relatada, como no romance *Frankenstein* por exemplo. A presente pesquisa busca refletir sobre o processo de aprendizagem da língua, a partir da forma como ocorre com a criatura, na ficção *Frankenstein* da autora Mary Shelley. Dessa forma, buscaremos analisar como ocorre o desenvolvimento da linguagem falada, objetivando estudar a aprendizagem de um sistema linguístico. Neste sentido, nosso objetivo geral é identificar ecos do método Total Physical Response (TPR), criado por Asher, no romance *Frankenstein* e correlacioná-los ao processo de aprendizagem da língua que ocorre pela Criatura. Tivemos como base, alguns teóricos como Asher (1969), Richards e Rodgers (1986), Oliveira (2014), dentre outros. Esta pesquisa pode ser caracterizada como uma pesquisa básica, exploratória, explicativa e bibliográfica, em que se fez necessário uma extensa pesquisa sobre o método e a obra, com o intuito de analisar ecos do referido. De forma geral, podemos afirmar que conseguimos encontrar evidências de certa similaridade do método TPR na forma como a criatura desenvolve a linguagem – observando, internalizando, imitando/produzindo a fala como resposta, apesar de o método não ter sido formulado na época de publicação da obra.

Palavras-chave: Compreensão; aquisição; aprendizagem; linguagem.

ABSTRACT

In the current scenario, with globalization and access to several different nations, learning a foreign language is extremely important, especially English. Research into the process of learning a language, whether mother tongue or foreign, has been carried out for years; speech production and communication are key areas of study. Where it is even reported in literature, such as in the novel *Frankenstein*, for example. This research reflects on the language learning process, based on the way it occurs with the creature, in the fiction *Frankenstein* by author Mary

¹ Graduanda em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba.
(eduarda.sousa@aluno.uepb.edu.br)

Shelley. In this way, we will seek to analyze how the development of spoken language occurs, aiming to study the learning of a linguistic system. In this sense, our general objective is to identify echoes of the Total Physical Response (TPR) method, created by Asher, in the novel *Frankenstein* and correlate them with the language learning process that occurs the Creature character. The theoretical framework for this study is based on Asher (1969), Richards and Rodgers (1986), Oliveira (2014), and others. This research can be described as basic, exploratory, explanatory and bibliographical research, in which extensive research on the method and romance was necessary, with the aim of analyzing the echoes of the aforementioned. In general, we can say that we were able to find evidence of a certain similarity of the TPR method in the way in which the creature develops language – observing, internalizing, imitating/producing speech as a response, despite the method mentioned having not been formulated at the time of publication of the literary work.

Keywords: Understanding; acquisition; learning; language.

1 INTRODUÇÃO

Ao pensar na aquisição de Línguas, é comum cogitar um desenvolvimento interligado entre a escrita, a compreensão oral, a fala e a leitura, mas a verdade é que cada processo ocorre de forma temporal diferente. Pode ser que a habilidade de leitura em outra língua, por exemplo, ajude um sujeito no desenvolvimento da escrita, e a compreensão oral auxilie na produção de fala, mas cada processo (leitura, escrita, compreensão oral e fala), embora complementares, não se concretizam ao mesmo tempo.

De acordo com estudiosos como Asher (1969), Richards e Rodgers (1986), o primeiro ato de aprendizagem de uma nova língua é a compreensão, a associação e a interpretação do que é falado. Nesse sentido, Asher (1969) defende que um aluno será conhecedor de outra língua, que não seja a materna, primeiramente associando o oral com o visual, ou seja, cada palavra dita em conjunto com o objeto denominado por ela, formará o conhecimento da nova língua, em seguida realizará os outros processos supracitados.

Além dele, Levelt (1999, p. 85) aponta que “o elaborado sistema de conhecimento social e físico que a criança adquire durante seu primeiro ano de vida simplesmente não interage com a maturação do silabário²” (tradução nossa). Dessa forma, no processo de aprendizagem de uma nova língua, levando em consideração o método *Total Physical Response* (doravante TPR) que abordaremos adiante, inferimos que o sistema social e físico de um adulto interagirá para

² Silabário: Pequeno livro destinado à iniciação à leitura, geralmente com as palavras decompostas em sílabas. = CARTILHA

contribuição de léxico ou vocábulo, avançando assim, a parte silábica do aprendizado, pois contará com suas atribuições já adquiridas.³

O TPR, criado por Asher (1996), defende que a aprendizagem de uma língua acontece de forma associativa e dinâmica, com o uso recorrente de frases e vocabulários, por meio da gesticulação e interpretação imagética do que está dito, sem utilizar-se da tradução para tal e sem a cobrança de uma resposta verbal, mas corporal, realizando comandos dados pelo professor.

Seguindo esse pensamento, pretendemos, neste trabalho, fazer uma leitura crítico-interpretativa, a partir do romance *Frankenstein* da autora Mary Shelley, uma vez que, de forma associativa, percebemos ecos desse método no romance, por se tratar de uma Criatura que está desenvolvendo sua língua/linguagem, através da observação e associação do que é dito ao que se encontra a sua vista. Porém, é importante ressaltar que o personagem em questão está em um processo de aprendizagem de Língua Materna, mas como sua proporção é de um adulto realizamos essas comparações e associações ao método estudado.

No decorrer desta pesquisa, vamos refletir sobre como esses resquícios se apresentam no romance, de forma a deixar mais visível o desenvolvimento da compreensão até à comunicação, com intuito de uma análise meramente exploratória, pesquisando duas áreas distintas: literatura e aprendizagem da linguagem, com intuito de revelar uma reflexão de possibilidades de uma aprendizagem efetiva.

O estudo será dividido da seguinte maneira: haverá quatro capítulos, além da introdução, metodologia, considerações finais e referências bibliográficas. No primeiro capítulo constarão algumas considerações teóricas sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira e materna a título informativo, no segundo discutiremos mais sobre as forma com a qual produzimos a fala, desde a internalização até a produção da mesma considerando o aporte biológico do ser humano em relação a ação da memória.

O terceiro capítulo discutirá o que é, e como o método TPR pode ser benéfico na aprendizagem de uma língua, desde que seja adaptado para melhor desenvolvimento da imersão na nova língua bem como sua importância para comunicação e os passos até a espontaneidade da fala.

Para o quarto capítulo, que está após a metodologia, dedicaremos a atenção à análise do TPR ao desenvolvimento linguístico do personagem, em subtópicos com cada eco associado ao mesmo, finalizando assim, a pesquisa mostrará os passos utilizados pela Criatura, no

³ “The elaborate system of social and physical knowledge that the infant acquires during the first year to life simply doesn’t interact with the maturation of the silabary”.

romance *Frankenstein*, para a compreensão e a aprendizagem e da língua onde finalmente ele consegue comunicar-se com alguém, neste capítulo utilizaremos de comparações das semelhanças.

A partir deste estudo, nosso objetivo geral é relacionar o método TPR com a forma de aprendizado da língua do personagem Criatura, em *Frankenstein*. Nossos objetivos específicos são refletir sobre o desenvolvimento da linguagem oral na aprendizagem de uma Língua até a produção de fala, explorar as concepções do método TPR na sua contribuição ao enriquecimento do vocabulário, relacionar as semelhanças entre a forma de aprendizado da Criatura até sua produção de fala na Língua Materna, associando ao método estudado para uma nova língua.

O estudo justifica-se, tendo em vista os diversos métodos de ensino de Línguas, a partir da necessidade de refletir sobre a importância do TPR e sua aplicação, com potencial de desenvolvimento na aprendizagem da língua, relacionada à ficção que retrata uma forma de apropriação da linguagem, como ocorre no romance *Frankenstein*.

Para tanto reportamos aqui a relevância no estudo em questão, pois o mesmo esclarece de forma didática como o desenvolvimento e aprendizagem ocorrem até que o seja produzida a fala, como fundamentação para o método TPR, que tem em sua essência esse olhar voltado a aprendizagem de língua materna, para aprender língua estrangeira; além de refletir sobre a importância da comunicação livre da pressão imediata para o ato de fala, e de aulas mais dinâmicas proporcionadas por este método que podem resultar, a partir dessa leitura, em novas práticas metodológicas.

O desenrolar da pesquisa se deu, em primeiro lugar, após algumas aulas de Metodologia do Ensino de Língua Inglesa, em que foi possível estudar e conhecer o método TPR. Pouco tempo depois, fiz a leitura do romance *Frankenstein* na aula de Literatura Inglesa, e algo me chamou a atenção foi a forma como a criatura internalizava cada novo aprendizado da fala. Somando esses dois pontos, associei também, em observações subjetivas, as dificuldades de aprendizagem e reprodução de uma nova língua, por seus respectivos aprendizes.

A relação estrita do modelo aplicado no TPR, ao modo de observação, associação e repetição que o personagem do romance de Mary Shelley aprendia a linguagem, despertaram a predisposição e interesse de explorar este assunto nessa pesquisa. Neste romance, uma criatura feita de partes de seres humanos se vê perdida e aprende, pela observação, que necessita utilizar-se de sons para comunicar-se com seus vizinhos que não sabem de sua existência.

Esse desejo imediato de aderir à linguagem é elucidado por Locke (2015, p. 9), quando ele diz que “os homens transmitem suas imaginações, conhecimentos e raciocínios uns para os

outros quase que exclusivamente por palavras e, não raro, em vez de pensar em coisas, fixam em palavras os pensamentos que têm consigo mesmos”. Desta forma, torna-se essencial o aprendizado para o ato de comunicação em relação à criatura.

Assim, a pesquisa abordará questões como o desenvolver da linguagem a partir do método em estudo e suas dificuldades, aplicado ao desenvolvimento da criatura ao aprender a nova língua, trazendo essas semelhanças, elevando a compreensão do docente de Letras, e de toda e qualquer pessoa que tenha interesses pelo conteúdo, no processo de aprendizagem da linguagem por meio do TPR.

Observaremos através da ficção literária, em resquícios do método TPR, uma proposta de aprendizagem aplicável, considerando a criatura como uma representação mais humanizada, que consegue internalizar e utilizar-se da comunicação, contudo neste caso, não haverá, neste momento, uma sugestão de proposta.

Desse modo, ao término da pesquisa, poderemos comprovar se o método TPR realmente está estritamente ligado a aprendizagem linguística, através da observação, pela Criatura até sua produção espontânea de fala.

Para tanto, entenderemos o desvelar da aprendizagem, segundo as correntes teóricas empiristas e racionalistas, onde as mesmas tratam também da aquisição como sinônimos, porém nosso estudo, a título de informação, traz para compreensão posterior do método TPR, trazemos pontualmente essas afirmativas no capítulo que segue.

2 O FENÔMENO DA LINGUAGEM: AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM

Em se tratando de linguagem, sempre foi de interesse científico entender o processo de aquisição e aprendizagem de uma língua, materna ou estrangeira. Muitos estudiosos debruçaram-se sobre o assunto com teorias, métodos, pesquisas e testes, para certificar-se de como esse fenômeno humano chamado linguagem acontece.

A língua é social, ela se caracteriza como parte da linguagem em uma comunidade, contendo um valor semântico, a partir do qual os mesmos se comunicam, sendo a fala é a parte concreta da língua, individualizada e única para cada indivíduo.

Del Ré (2006, p. 29) relata, sobre língua/fala, que “[...] procurou-se compreender o fenômeno da linguagem num nível que extrapolasse essa dicotomia e que não tivesse apenas a língua como centro das atenções [...]”, por esse motivo veremos as vertentes que contribuíram e contribuem nos estudos de aquisição e aprendizagem, que foram estipuladas desde a filosofia até a linguística, contudo o âmago da pesquisa consistirá em aspectos de aprendizagem.

Inicialmente, com o empirismo, defende-se que o conhecimento advém da experiência. Segundo Galvão (2007) “o empirismo (do grego *empeiria*, que significa: experiência dos sentidos) o conhecimento da realidade se reduz à experiência sensorial que temos dos objetos.” e seguindo essa concepção, o inato não viria como principal fonte de conhecimento.

O racionalismo, por sua vez, concebia que todo o conhecimento era formado apenas pela capacidade intelectual. Outras correntes teóricas que buscam explicar o processo de aprendizagem são o inatismo, cognitivismo, construtivismo, e o interacionismo que fazem parte do polo racionalista.

Todavia, ao refletir sobre aprendizagem, buscaremos a compreensão do desenvolvimento da linguagem que mais nos interessa como objeto de estudo. E, neste panorama, entendemos que a linguagem é a forma de expressão de um ser que gera comunicação.

E para esse ato próprio do ser humano, Del ré (2006, p. 30), acentua que “o que deve ser levado em consideração nos estudos atuais de aquisição de linguagem pela criança é o *conjunto de seu desenvolvimento*, o que acontece desde o momento em que ela nasce até o domínio da língua propriamente dita” (grifo do autor), onde associamos aqui a aprendizagem como canal particular desse desenvolvimento.

A este respeito, enfatizando a comunicação, Zimmer (2011, p. 57) coloca em evidência que “a aquisição da linguagem está estritamente ligada e depende de vários mecanismos cognitivos fundamentais, como percepção, memória, formação de conceitos, resolução de problemas”, o que, de certa forma, acreditamos acontecer com a Criatura no processo de aprendizagem da linguagem, que abordaremos na análise deste estudo.

Entenderemos, mais detalhadamente no capítulo a seguir, o desenrolar da produção da fala.

3 COMPREENDENDO O QUE É DITO *VERSUS* PRODUZINDO FALA COMO RESPOSTA: O PROCESSO ATÉ A COMUNICAÇÃO

A globalização e a comunicação são duas vertentes que andam juntas e nesse mundo multinacionalizado, o uso e compreensão de uma língua é de vital importância. Mas, entre compreensão e produção de uma língua existem dois processos que demandam tempos diferentes para serem concretizados.

Segundo Brum-de-Paula (2005), em primeira instância, a mente se destina a compreender as palavras ditas, coletando as informações necessárias ao entendimento do que é

falado. Dessa maneira, a informação é reformulada e internalizada, para a mente utilizar-se de um sistema de informações prévias já contidas na memória, colecionadas ao longo do tempo. Segundo a autora, quando uma das palavras mencionadas não pode ser compreendida, considerando uma situação de aprendizagem de uma nova língua, há uma dificuldade no diálogo e interpretação do interlocutor, e podemos observar que:

[...] o locutor, a partir de uma intenção comunicativa, seleciona, na sua memória, as informações que deseja transmitir. Essa seleção é efetuada dentre os conhecimentos procedimentais (estocados na memória episódica), declarativos (estocados na memória semântica segundo redes de proposições conceituais) e os conhecimentos disponíveis sobre a situação de comunicação (contexto da interação, tipo de discurso). Nessa fase, as informações ainda não possuem forma e estrutura e devem passar por um conjunto de atividades mentais capaz de engendrar uma mensagem pré-verbal (ou a conceitualização de uma proposição) (Brum-de-Paula, 2005, p. 8).

Essa memória episódica se trata das lembranças que temos de um episódio marcante da vida, seja um aniversário, uma briga, um passeio na infância; algo que passou a um determinado tempo que compõem a nossa autobiografia. A memória semântica também funciona a longo prazo, porém, abrange amplamente o sentido e o significado das palavras, resguardando conceitos, informações, regras gramaticais de uso, entre outras.

A autora, como podemos observar na citação anterior, reverbera a necessidade de seleção de diferentes tipos de memórias, interpretação do contexto, a capacidade mental de formulação de uma mensagem pré-verbal, ou seja, uma mensagem criada na mente antes de tornar-se uma comunicação, retomando a afirmação de que o processo de compreensão antecede o de elaboração e produção comunicativa.

Após a fase de compreensão, com base em Levelt, Brum-de-Paula (2005) explica que, o falante formula, no mesmo trecho, a fase de produção. Muitas vezes, não conseguimos, em se tratando de uma nova língua, concernir o motivo de falharmos ao elaborar uma resposta na mesma língua. Fica claro, portanto, que a construção da fala não obedece às regras gramaticais, pois por mais estudadas que sejam, tendemos a utilizar as estruturas que regem a nossa língua materna.⁴

Porém, de acordo com a autora, nessa fase de produção pré-verbal, as informações ainda não estão formuladas e passarão por uma gama de processos, buscando, na memória semântica, alternativas para uma resposta que revelará diversos resultados e o indivíduo

⁴ Vale salientar que o nosso trabalho traz aspectos recorrentes que acontecem com os aprendizes de outra língua, pois auxilia na compreensão da formulação do TPR, quando procura evidenciar o processo de aprendizagem de uma L2 por meio de aspectos que ocorrem na Língua Materna. Dessa forma, estamos ecoando questões sobre LM a título de informação.

utilizará o termo que mais concordar com o que se pretende responder. Para isso, o método mais ‘rápido’ seria o que já está consolidado, ou seja, a gramática ‘materna’, aquela que é utilizada no dia a dia pelo aprendiz.

Zimmer (2011, p. 58) confirma esse pêndulo de recorrer à língua materna, quando estamos aprendendo uma segunda língua, afirmando que “Inicialmente, a aprendizagem da língua estrangeira é altamente influenciada pelas estruturas da L1⁵”. E ainda relata que aumentando o acesso ao léxico e à estrutura do conhecimento fonético-fonológico⁶ na nova língua em aprendizagem, a recorrência a L1 diminuirá gradativamente.

Com isso, podemos perceber que o pensamento para a produção do discurso é algo correlacionado. Os dois processos andam de mãos dadas. Também, existe uma adequação do pensamento para expressar-se em outra língua, como afirma Brum-de-Paula (2005, p.11) “Existiria uma maneira de pensar intimamente relacionada à língua, pois quando falamos, é necessário que adaptemos nosso pensamento aos meios linguísticos disponíveis.” Ou seja, depende do léxico adquirido da nova língua para construir uma enunciação.

Segundo o esquema desenvolvido por Levelt (1999), a comunicação é um ato fundamental na vida humana. Desta forma, há um segmento básico para que se concretize: inicia-se pela conceitualização do que ouviu (compreensão), uma formulação pré-verbal, ou seja, o selecionar das palavras para produzir e pôr fim a articulação acontecerá através dos sons emitidos oralmente.

Ao dominarmos todas essas etapas de internalização, compreensão, conceitualização, formulação de uma resposta e articulação oral do que foi pensado, a comunicação chega ao ponto ‘máximo’. Não existem mais tensões linguísticas que ocasionam a insegurança ao se comunicar com alguém.

Segundo Alves (2011, p. 78), “os aprendizes tendem a não processar, a partir do *input* acústico a que são submetidos, as diferenças entre os sons da L1 e L2”, mas com o aumento do uso da língua e a frequência na aprendizagem, chegam a maior proximidade desses aspectos, deixando a comunicação fluída.

Por outro lado, segundo Silva e Guimarães (2013, p. 319), “A consciência linguística tem relação com representação, armazenamento e acesso com o conhecimento gramatical” ao adquirir essa consciência, passamos também a utilizar a consciência fonológica, ligada ao uso dos sons de maneira mais proativa, refletindo, compreendendo e utilizando os sons a seu favor,

⁵ Primeira língua ou língua materna.

⁶ Conhecimento e utilização dos sons da fala em uma língua.

tendo acesso correlativamente com a consciência fonêmica, que levará a essa produção mais semelhante dos fonemas da nova língua.

Enquanto aprendizes de uma nova língua, detentores da consciência fonética e fonológica desse sistema linguístico que se propõem a adquirir, os falantes tornam-se mais flexíveis à aprendizagem, a partir da prática e isso facilita a produção. Dentre os métodos de ensino que nos possibilitam essa prática, principalmente a linguística, temos o TPR que envolve demasiadamente o falante na língua alvo no tocante da representação, armazenamento e produção de fala, explorado mais intensamente no próximo tópico.

4 TOTAL PHYSICAL RESPONSE – VER, OUVIR, ASSOCIAR E PRONUNCIAR

É comum, entre os aprendizes de segunda língua, estar preocupado com o momento em que a comunicação será fluída, automática e espontânea. É nesse contexto que entram os diversos cursos de idiomas com seus métodos de aprendizagem para compensar essa dificuldade e sanar esse ‘problema’.

Mas, de acordo com Asher (1969, p. 4), “há evidências que a habilidade de compreensão auditiva tem alto valor positivo, especialmente para falar uma língua estrangeira. E a habilidade de ouvir parece ter uma grande transferência positiva para a leitura e a escrita, desde que haja um ajuste entre a fonologia e a ortografia de uma língua específica”⁷ (tradução nossa). Dessa forma, é compreensível que o desenvolver da fala necessita da compreensão e interpretação para evolução linguística até a comunicação.

Venturi (2006, p. 121) relata que a dificuldade de aprendizagem de uma segunda língua, e acrescentamos de qualquer nova língua, em idade adulta, comparando-se a facilidade de aquisição infantil e/ou adolescente, se dá pelo acesso, ou falta, à gramática universal por parte do aprendiz; portanto, essa gramática universal consolidada, em adultos, interage ou interfere, na nova em aprendizagem.

Dentre os diversos métodos de ensino de língua estrangeira⁸ e/ou segunda língua (L2)⁹, apontaremos aqui algumas particularidades do método TPR, assim como suas vantagens e desvantagens na aprendizagem de estudantes da L2.

⁷ “There is evidence that the skill of listening comprehension has high positive transfer especially to speaking a foreign language. And, listening skill seems to have a large positive transfer to reading and writing depending upon the fit between phonology and orthography of a specific language.”

⁸ Quando o aluno aprende outra língua dentro do seu país, no contexto de sua língua nativa.

⁹ A língua estudada também é utilizada fora do contexto aula.

Esse método foi criado por James Asher, psicólogo, construtivista, professor universitário e estadunidense, no ano de 1969, após os métodos de gramática e tradução assim como também o áudio-lingual. Baseando-se em como o desenvolvimento linguístico se reverbera na língua materna através de comandos, do contato direto do significante com o seu significado¹⁰, melhor dizendo do objeto com o substantivo atribuído a ele.

Para além do contato direto, é reverberado a importância das questões afetivas. Considerando estas questões sobre o método em análise, Oliveira (2014, p. 123) descreve, por exemplo, que “Segundo Asher, a relação comunicativa que se estabelece entre uma criança e sua mãe ou seu pai é uma espécie de conversação língua-corpo: [...] essas reações físicas supostamente evidenciam que o bebê entende os enunciados dos pais [...]”, para basear sua teoria no que tange uma resposta física ao início do processo de aquisição de uma língua.

Del Ré (2006, p. 24) ao explicar a aquisição linguística de um bebê enfatiza que: “É a partir dos esquemas interacionais lúdicos que a criança desenvolve funções linguísticas, comunicativas, primeiramente gestuais e depois verbais [...]”. Essas interações ressaltam os comandos postulados por Asher, ao utilizar na criação de seu método, baseando-se na aprendizagem da língua materna, as demonstrações do que é dito com gestos e imagens.

Apesar de pensado na forma de aprendizado de LM (língua materna), o método é aplicado em sala de aula com recursos visuais, gestuais e dedicado apenas à língua em estudo (a segunda língua), facilitando a aprendizagem da pronúncia, o contexto de uso de determinados termos visualizados pelos aprendizes, no decorrer da aprendizagem. Asher (1969, p.4), em seu texto, apresenta de que maneira esse aprendizado na língua materna influenciou sua abordagem, vejamos:

Esta abordagem tem alguma semelhança com a maneira como as crianças parecem aprender a sua primeira língua. Por exemplo, as crianças pequenas na América adquirem um elevado nível de fluência auditiva em inglês antes de fazerem enunciados em inglês. Essa fluência auditiva pode ser demonstrada pela observação da complexidade dos comandos que a criança pode obedecer antes de aprender a falar; e mesmo à medida que a fala se desenvolve, a compreensão auditiva é sempre mais avançada. (tradução nossa)¹¹

¹⁰ O significante é a imagem acústica que é associada a um significado numa língua representada na mente. O significado é o conceito que se tem de uma palavra.

¹¹ “This approach has some similarity to how children seem to learn their first language. For example, young children in America acquire a high level of listening fluency for English before they make English utterances. This listening fluency can be demonstrated by observing the complexity of commands which the young child can obey before he learns to speak; and even as speaking develops, listening comprehension is always further advanced.”

Partindo dessa observação, o pesquisador fez testes com crianças e em seguida com graduandos entre 18 e 21 anos para comparar os resultados de aprendizagem entre os alunos submetidos à abordagem TPR e os demais.

A partir do estudo empreendido, o pesquisador obteve como conclusão uma significativa aprendizagem dos participantes do método, em que o mesmo relata maior interesse em adultos: “Este estudo sugere que quando os adultos aprendem uma segunda língua nas mesmas condições que as crianças, os adultos são superiores. Esta generalização deveria ser limitada, neste momento, à fluência auditiva”¹² (Asher, 1969, p.16. tradução nossa).

Mesmo que Asher (1969) tenha percebido maior desenvolvimento da compreensão oral em adultos, muitos pesquisadores afirmam que seu método apenas atenderia a pessoas, crianças ou adultos, em fase inicial de aprendizagem da nova língua, por não apresentar propostas mais detalhadas do ensino de tópicos linguísticos mais complexos. Spasiani (2020, p.187), porém, ressalta:

Apesar de ser rotulado como um método funcional apenas para o início da aprendizagem de LE, haja vista a dificuldade de se ensinar conceitos abstratos e tempos verbais mais complexos por meio dele [...], o TPR é um método que, por excelência, produz uma atmosfera altamente motivadora em sala de aula, o que supera as limitações por ele apresentadas [...].

Na citação, Spasiani (2020) exprime, baseando-se em diversos autores da área, a eficácia do método e traz como proposta a adaptação do mesmo em diferentes casos, considerando os aspectos do aprendiz e superação das limitações que forem surgindo.

Em primeira instância, o aprendiz tem o papel de interlocutor e intérprete¹³ da aula feita pelo professor, que direciona o assunto/conteúdo, inicialmente com palavras e demonstrações gestuais ou imagéticas do seu significado. A cada nova aula, o grau de dificuldade e interpretação do aluno será elevado até que ele conheça uma boa parte do léxico trabalhado, tendo em vista que passará de palavras soltas a verbos, dos quais começam com comandos, depois frases completas e perguntas para serem respondidas ao final de todo o percurso de aprendizagem. Esse método assemelha-se ao behaviorismo na sua proposta, e Vasseur (2006, p. 86), ao explicar a corrente teórica, afirma que:

A língua é concebida como uma rede de hábitos, um jogo de associações entre estímulos e reações estabelecidas pelo reforço em uma situação social. O ensino/aprendizagem de uma língua é assim considerado como um processo mecânico de formação de hábitos com a ajuda de estímulos e de respostas visuais e sonoras.

¹² “This study suggests that when adults learn a second language under the same conditions as children, the adults are superior. This generalization should be limited, at this time, to listening fluency.”

¹³ Indivíduo que recebe os sons, escuta a mensagem oral.

Esta concepção trazida por Vasseur (2006) dialoga com a proposta de Asher, pois o TPR necessita dessa resposta física e social, detalhada na citação acima.

Todavia, é certo que o docente não pode estagnar neste ponto e, sim, deve introduzir um espaço para que o que foi aprendido seja exposto pelos alunos. Como sugestão, pode-se utilizar uma atividade de correspondência entre a escuta e a imagem, para ser enumerada fazendo desse exercício uma forma de avaliação de aprendizagem, ou de forma reversa, pode-se solicitar algum movimento aos aprendizes, quando for apontado algum objeto, parte do corpo ou outro, para que seja denominado pelos alunos.

Visualizar se a proposta atenderia a aprendizes da língua, em nível intermediário e avançado como mais um modo de ajustar o método à realidade dos aprendizes, seria mais uma sugestão, tendo em vista que haveria uma desvantagem se os mesmos não se sentissem estimulados ou instigados na aprendizagem, assim como as possibilidades reais de aplicar o método em tempos verbais diferentes além do presente.

Evangelista (2020, p. 20) afirma que “as aulas baseadas neste método podem apresentar muitas atividades, através das quais os alunos podem ouvir e agir, sendo o professor quem orchestra as ações”. Nesse ponto, a aprendizagem torna-se dinâmica, espontânea e eficaz e traz uma vantagem ao trabalhar desta maneira.

Spasiani (2020, p.190) reitera essa afirmativa, quando em sua pesquisa observa:

Os movimentos físicos e a utilização de objetos reais rompem com a ideia de sala de aula tradicional, ou seja, com a rotina de sala de aula tradicional, tornando os alunos mais motivados e receptivos ao conteúdo, já que encaram a aula como um evento muito semelhante a brincadeiras.

Frente a estas constatações, Richards e Rodgers (1986, p. 87) explicam o método como uma construção voltada para a fala e a ação, que é ensinado através da resposta física a um comando. O referido método pode ser desenvolvido tanto na forma de repetição de um enunciado como também na ação do que o comando expressa, trazendo, dessa forma, uma forte ligação entre a memória e a pronúncia, devido à frequência de exposição à língua estudada.

Nesse método, a habilidade da fala é algo que não necessita ser cobrado até a compreensão oral e aprendizagem dos conceitos das palavras estejam fixos e memoráveis na cognição do aprendiz, retirando o peso da preocupação com a fala e trazendo uma perspectiva algo mais lúdico e agradável aos alunos.

Spasiani (2020, p. 191) nos mostra que “O aluno se sente muito mais motivado e, conseqüentemente, aberto ao aprendizado de uma língua quando ele consegue compreendê-la. Compreendendo-a, ele consegue tanto se engajar na produção oral da mesma quanto no

desenvolvimento das atividades propostas [...]”, confirmando o que apontamos no parágrafo anterior.

Associando todo o desenrolar do método, é perceptível essa representação de aprendizagem em diversos ambientes, em salas de aula, por exemplo, como foi discorrido até o presente momento. Dessa forma, entendemos que, como sua execução necessita da interlocução, é necessário a observação e associação do dito ao objeto referenciado, podemos pensar em outras formas de compreender o TPR, na arte, bem como na literatura, como será discorrido no tópico a seguir.

5 METODOLOGIA

A pesquisa será básica, pois trata-se de uma associação teórica de um modelo de aprendizagem da fala fictício, por se tratar de um romance e não de pessoas reais. Além disso, contém um teor exploratório, pela necessidade de descobrir-se mais sobre esse desenvolvimento que auxiliará na compreensão de como o método TPR pode ser eficaz na aprendizagem de uma nova língua.

Dessa forma, o presente estudo desencadeará uma explicação, ou seja, tornando a pesquisa, de certo modo, também explicativa e qualitativa, pois leva em consideração o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização e assim por diante (Silveira e Cordova, 2009, p. 31). No que concerne o desvelar da linguagem, por uma tangente reflexiva da linguagem nos seus aspectos de aprendizagem, é bibliográfica pois baseia-se em já elaborados constituídos em artigos, livros, como bem define Gil (2002, p.44).

A abordagem teórica utilizada contará com pesquisas nos campos de aprendizagem, desenvolvimento, internalização e produção da fala em outra língua e, além dessas, contará com explicações sobre o método de aprendizagem TPR que estará interligado à literatura, na relação da descoberta da importância da fala e da comunicação pela Criatura em *Frankenstein* (romance de Mary Shelley). Assim sendo, será possível discutir quais ecos da abordagem seriam aplicáveis a essa aprendizagem que se desenvolve na forma de observação e escuta, para a significação do que é visto pelo personagem.

Para o caminhar produtivo da pesquisa, iniciaremos utilizando a base teórica apresentada na forma de pesquisa qualitativa. Em seguida, será possível acompanhar a seleção dos capítulos do romance de Mary Shelley, que retratam como a Criatura adquire o léxico da língua. Por fim, relacionaremos o método TPR nas suas afinidades com o modelo de aprendizado do personagem. Vejamos o capítulo seguinte.

6 O DESENVOLVIMENTO DA FALA DA CRIATURA EM *FRANKENSTEIN* E SUA RELAÇÃO COM O TPR

No romance *Frankenstein* de Mary Shelley, um doutor imerso em seus estudos das ciências naturais descobre como gerar uma vida. Desta forma, junta partes humanas, desenvolvendo músculos rijos, escolhe a altura e, quando todas as ‘peças’ estão a seu dispor, começa sua execução; ao concretizar tal proeza, o próprio médico se assusta com sua criação e a abandona a própria sorte.

Necessitando sobreviver, à criatura inicia sua jornada de modo autônomo, como uma criança, experimentando cheiros, gostos, sensações, emoções, mas de forma solitária, sem ajuda do outro. Ao entrar em contato com a sociedade, não entende o porquê dos ataques e da aversão que a sociedade tem para consigo, até ver-se refletido e compreender o conceito de beleza e monstruosidade, tendo em vista sua aparência tão peculiar perante os demais. Com a necessidade de conhecer seu criador, o mesmo busca encontrá-lo, andando por entre as árvores, na escuridão da noite; até que encontra um chalé abandonado e se instala nele.

No devagar de suas descobertas, a Criatura percebe os sons a sua volta de forma que lhe inspira a tentar imitá-los, o que nos reporta aos bebês em seus primeiros sons produzidos. Ao escutar as aves ao seu redor e sem referências de linguagem humana, o personagem relata que “tentava imitar as canções agradáveis dos pássaros, mas era incapaz disso. Às vezes, eu desejava expressar minhas sensações do meu próprio modo, mas os sons eram grosseiros e desarticulados” (Shelley, 2019, p.108).

Volvendo nosso olhar aos teóricos empiristas, percebemos a interação com o meio como fonte de estímulo, à Criatura que tenta responder fisicamente ao que sente, esse princípio também fundamenta o método TPR, quando traz recursos visuais aos aprendizes.

A proposta de Asher (1969) com seu método, TPR, utiliza-se do visual e sonoro para compreensão do vocabulário, ecoando na descoberta dos sons que futuramente desencadeará na fala. Santos (2012, p.58) corrobora com está mesma perspectiva ao destacar que “a percepção da fala [...] não pode ser exclusivamente auditiva nem visual” se faz necessário as duas.

Ambientado o enredo, seguimos com os ecos do método em subtópicos a seguir. Vale ressaltar que a concepção de ecos presente nesta pesquisa relaciona-se ao que ecoa, ou seja, os vestígios de semelhança com o TPR na aprendizagem da Criatura.

6.1 Eco 1 - Observação e interpretação

Próximo ao chalé, existe uma família onde a Criatura conhece o significado de amor, carinho e companheirismo, e o mais importante, a interação entre os sujeitos. Ao observá-los, o personagem compreende algo diferente: a comunicação entre os moradores; instigado a aprender a língua e decifrar o que se ouvia, tornou-se um intérprete, observava gestos, objetos, concessões e negações de um diálogo, através dos comandos dados por cada participante daquela família, sendo essa a primeira relação que observamos como característica de uma aprendizagem com o método TPR.

O estímulo proposto, quando o mesmo ansiava em decifrar a linguagem, mesmo sozinho, numa perspectiva mais autônoma, trazia-lhe uma resposta por meio da interação entre os personagens. O mesmo estava nessa situação, inserido em um contexto de aprendizagem de língua materna, porém conecta-se novamente ao método estudado, pelo fato de estar em contraponto à observação e o estímulo-resposta da Criatura.

Para atestar esse fato, utilizamos as afirmações de Brum-de-Paula (2005, p. 3), quando aponta que “não é preciso falar para compreender, mas é necessário compreender para falar”. E é justamente o que acontece com a Criatura no capítulo XII:

Pouco a pouco, fiz uma descoberta de importância ainda maior. Descobri que essas pessoas possuíam um método de comunicar sua experiência e sentimentos, uns aos outros, por meio de sons articulados. Percebi que as palavras que eles falavam, às vezes, produziam prazer ou dor, sorrisos ou tristezas, na mente e no semblante dos ouvintes (Shelley, 2019, p. 117).

Nesse trecho, é possível perceber que por meio da observação da família pela Criatura, existe a compreensão de uma comunicação e que ela é essencial para ele. Além disso, o que também lhe instigava eram os livros que almejava lê-los, pois sempre via essa prática por um dos personagens da casa. Diante disto, podemos observar nesse fato a interligação entre a teoria Behaviorista e a forma que a Criatura é fomentada a aprender.

Sobre seu anseio em ler, o mesmo relata que “Conjecturei, portanto, que ele encontrava no papel sinais para falar, sinais que ele compreendia. Desejei ardentemente compreendê-los [...]” (Shelley, 2019, p.118). E, a partir deste trecho, a relação entre a consciência fonológica e aquisição da escrita, visto que, Asher (1969), como resultado de sua pesquisa, enfatiza a transferência positiva da escuta para a escrita, nos remete ao que Blanco-Dutra, Scherer e Brisolará (2012, p.82) refletem, que “muitas crianças trazem consigo conhecimentos sobre a língua falada que auxiliam no entendimento do código escrito”.

A partir da Criatura, podemos considerar essas duas etapas de aprendizado: a observação do que é dito, e a aprendizagem de um adulto na forma de uma aprendizagem na infância. Isto

dialoga diretamente com a concepção de aprendizagem exposta no método TPR que apresenta essa característica na sua proposta de pensar a aprendizagem como acontece na língua materna. Após observação e interpretação, a fase que segue, de acordo com o TPR, é a internalização como acontece com a criatura no tópico seguinte.

6.2 Eco 2 – Internalização do que se ouve

Se considerarmos o contexto do desenvolvimento da comunicação do personagem, o desvelar da sua cognição é semelhante à de uma criança. Ele é uma composição de partes humanas, tem altura muito maior que a de um adulto, mas suas experiências são adquiridas na mesma proporção que uma criança, por exemplo, ao sentir fome pela primeira vez, o mesmo experimenta várias frutas e compreende o doce e o azedo e começa a diferenciá-los, aspectos estritamente ligados ao TPR, no que concerne a internalização.

O método não equipara o modelo de aprendizado a uma criança, mas a forma como ela aprende. Sendo assim, considera que o adulto aprenderá na mesma proporção, com uma aprendizagem gradativa no desenvolvimento do léxico através do imperativo. Oliveira (2014, p. 1230) aponta que “Para Asher, basta observarmos uma criança aprendendo a falar sua língua materna para percebermos como o cérebro contém um programa biológico para aquisição de uma língua natural”.

Apesar de estar à parte da situação de diálogo, a criatura ao escutar, por exemplo, a palavra ‘lenha’ repetidas vezes e visualizar o objeto denominado, começa a compreender o que significa e assim sucessivamente através da escuta e realização de movimentos dos outros personagens. É possível observar tal processo de internalização de vocabulário na seguinte passagem: “A pronúncia deles era rápida[...]. Com grande aplicação, [...] descobri os nomes que eram dados a alguns objetos mais familiares na conversa. Aprendi e apliquei as palavras ‘fogo’, ‘leite’, ‘pão’ e ‘lenha’ e também os próprios nomes dos moradores” (Shelley, 2019, p. 117).

Nesse trecho, percebemos mais um eco do TPR, uma vez que a concentração da Criatura esteve, em primeiro lugar, em compreender e associar o que era dito e relacionar com a ação feita para então aplicá-las. Após muito tempo de observação, a Criatura compreendeu o emprego da palavra e só quando sua internalização estava ‘madura’ o suficiente, ele passou para a tentativa de comunicação com os vizinhos, pois até o momento sua prática era solitária, para isso o mesmo utiliza-se da repetição como veremos a seguir.

6.3 Eco 3 – Repetição e produção fluída de conversa

De acordo com Fernandes e Sousa (2019, p. 178), “mesmo antes da comunicação com este povo, a Criatura é capaz de entender a si mesmo, uma vez que ela aprende a linguagem daquele povo, podendo, assim, significar as coisas do mundo, para só depois usar o código linguístico como tentativa de interação com a sociedade [...]” como vemos em diversas situações durante a leitura da narrativa.

O próprio personagem reconhece a necessidade de se sentir confiante para poder promover um diálogo, como constata o TPR na sua visão de produção de fala mais tardia, quando o aprendiz de L2, voluntariamente fará sua exposição de linguagem verbal:

Contudo, eu me aperfeiçoei em tal ciência, mas não o suficiente para acompanhar qualquer tipo de conversa, apesar de ter aplicado toda a minha mente à empreitada, pois percebi facilmente que, embora ansiasse muito para me revelar aos camponeses, não fazia nenhuma tentativa nesse sentido antes de me tornar mestre na linguagem deles [...] (Shelley, 2019, p.118).

Isso não quer dizer que o personagem não tenha praticado o que ouvia, pois a aprendizagem de acordo com o método aqui estudado, também se dá pela repetição tanto da ação como da resposta falada, mas não concretizada totalmente em formulação e produção fluída de conversa. Podemos constatar isso no trecho seguinte: “Apesar de emperrados os meus órgãos eram, de fato, flexíveis, e embora o meu tom de voz fosse muito diferente do suave tom musical da fala deles, ainda assim, quando pronunciava palavras, eu as entendia com facilidade tolerável” (Shelley, 2019, p.120).

Nesse contexto de motivação, compreensão e produção, o personagem destaca sua alegria em associar e reproduzir fala quando enfatiza “Não consigo descrever o prazer que senti quando compreendi as ideias apropriadas a cada um desses sons e consegui pronuncá-los”, trazendo-nos as ideias de uma aprendizagem sem pressões e com resultados positivos, como Spasiani (2020) constatou em sua ação de pesquisa.

Segundo a autora, é possível destacar a agilidade que o TPR proporciona na aprendizagem de vocabulário e comparar ao desenvolvimento da Criatura, quando o mesmo afirma “ela e eu melhoramos rapidamente no conhecimento da linguagem, de modo que, em dois meses, comecei a compreender a maioria das palavras proferidas pelos meus protetores”. Nesse excerto, os ‘protetores’ seriam correlacionados aos professores que utilizam o método, pensando na aplicação feita por Spasiani (2020), que demonstrou um avanço vocabular extremo em dois meses, com duas aulas por semana, sendo assim mais uma equiparação.

Para finalizar esta análise, é possível correlacionar o modo de aprendizado do personagem com as diversas características abordadas pelo TPR, tais como a compreensão, internalização, ação resposta, e com o tempo, a confiança para a comunicação. Além disso, percebermos fatores de aquisição, consciência fonéticas, fonológicas e articulatórias bem presentes no descrever das experiências vividas pelo personagem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos demonstrar com essa pesquisa, que um processo de aprendizagem linguístico, também pode ser trabalhado dentro da literatura, fazendo um elo entre os dois e as metodologias de ensino. Mesmo sendo um romance clássico do ano de 1818, abordando questões narrativas, a forma de apresentar a aprendizagem de um personagem, abriu o espaço para uma associação muito maior com língua inserida além do enredo.

Mary Shelley possuía um pensamento muito avançado sobre o desenvolvimento da linguagem, apesar da obra tratar de uma língua materna e o presente trabalho relacionar-se com um método para o aprendizado de uma língua de forma geral.

A perspicácia da autora, no desenvolver linguístico do personagem é demasiadamente atrativo, pois os relatos competem exatamente aos movimentos teóricos metodológicos desenvolvidos pelos pesquisadores, além de reverberar ecos do método TPR, postulado anos após a obra. Os movimentos empiristas e racionalistas conversam com a época de vivência da autora, que morreu em 1851, e as correntes filosóficas têm início entre o século XV e XVI, porém, o conexionismo, behaviorismos e cognitivismo são póstumos, o que nos faz refletir mais sobre sua sagacidade.

Muitos apontamentos elaborados por Asher encontram-se na forma com a qual a autora descreve o desenvolver linguístico da criatura. Em sua biografia, nada diz a respeito ao interesse da autora no campo da linguagem, até porque essa ciência começou por volta de 1920, o que traz mais um ponto de relevância a autora em questão e ao estudo explanado até aqui.

Desta forma, refletindo sobre a temática, o presente estudo buscou explicar e explicitar o processo de aprendizagem, o desenvolvimento da comunicação, tendo em vista sua relação com o TPR, que se utiliza dessas bases para sua fomentação científica e elucida o processo de aprendizagem suave, que retira a sobrecarga do aluno ao ato da comunicação, deixando-o livre para expor-se quando pronto e não quando pressionado.

O trabalho motivou, também, a perspectiva de pesquisas futuras em um patamar mais aplicável, para confrontar a eficácia do método com estudantes iniciantes, adultos e crianças,

reverberando as hipóteses dos estudiosos no que concerne a motivação e a aprendizagem dos mesmos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ubiratã Kickhofel. A aquisição da plosiva labial aspirada do inglês através da instrução explícita: uma discussão conexionista. *In: LAMPRECHT, Regina Ritter. A aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

ASHER, James J. **The Total Physical Response Approach to Second Language Learning**. San Jose: State College, 1969.

BLANCO-DUTRA, Ana Paula; SCHERER, Ana Paula Rigatti; BRISOLARA, Luciene Bassols. Consciência fonológica e aquisição de língua materna. *In: LAMPRECHT, Regina Ritter; BLANCO-DUTRA, Ana Paula [et.al]. Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. 2ª ed, Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p.75-91.

BRUM-DE-PAULA, Mirian Rose. Da intenção à articulação: modelizações e análise proposicional. *In: GUIMARÃES, E.; BRUM-DE-PAULA, M.R. (Orgs.). Sentido e Memória*. Campinas: Pontes, 2005. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/laboratorioelo/files/2014/05/sentido.pdf>. Acesso em 06/05/2023.

DEL RÉ, Alessandra. A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática. *In: DEL RÉ. Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Editora contexto, 2006. p. 12-44.

EVANGELISTA, Joelton Hortencio. **O método total physical response na educação de jovens e adultos: uma análise de relatório de estágio supervisionado**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17525/1/JHE23032020.pdf> acesso: 07/05/2023.

FERNANDES, Auricélio Soares; SOUSA, Túlio Cordeiro de. A importância da língua e da linguagem da Criatura na humanização da criatura do romance *Frankenstein* *In: LINS, Juarez*

Nogueira; ÁVILA NOBREGA, Paulo Vinícius; MANGUEIRA, José Vilian. **Língua, literatura e ensino: linguagens e diálogos**. João Pessoa: Ideia, 2019. p. 173-190.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEVELT, W. J. M. Producing spoken language: A blueprint of the speaker. In C. M. Brown, & P. Hagoort (Eds.), **The neurocognition of language**. Oxford: University Press, 1999. p. 83-122.

LOCKE, Jhon. **Draft A do ensaio sobre o entendimento humano**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas e ideologias**. 1. Ed, São Paulo: Parábola editorial, 2014.

RICHARDS, Jack C; RODGERS, Theodore S. **Approaches and Methods in Language Teaching: A description and analysis**. Cambridge: University Press, 1986.

SANTOS, Rosângela Marostega. Sobre a consciência fonoarticulatória. *In*: LAMPRECHT, Regina Ritter; BLANCO-DUTRA, Ana Paula [et.al]. **Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa**. 2ª ed, Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p.57-72.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Tradução: Silvio Antunha. Jandira São Paulo: Principis, 2019.

SILVA, Thaís Cristóforo; GUIMARÃES, Daniela Oliveira. **A aquisição da linguagem falada e escrita: o papel da consciência linguística**, v. 48, n. 3, p. 316-323, jul./set. Porto Alegre: Letras de Hoje, 2013. Acesso em: 04/01/2024. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/thaiscristofaro/2013_ART_A%20aquisi%20da%20linguagem%20falada%20e%20escrita:%20o%20papel%20da%20consci%20lingu%20istica.pdf.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SPASIANI, Monique Vanzo. O método Total Physical Response (TPR) no ensino de inglês para crianças (LIC): considerações sobre a atmosfera motivacional possibilitada. *In*: MONTEIRO,

Solange Aparecida de Souza. **A educação no Brasil e no mundo: avanços, limites e contradições 5**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2020. p. 182-197. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/a-educacao-no-brasil-e-no-mundo-avancos-limites-e-contradicoes-5>. Acesso em 08/04/2024.

Terreiro de Griôs; **Fisiologia da voz**; “s.d”. Disponível em <<https://terreirodegriôs.wordpress.com/2016/09/05/fisiologia-da-voz/>>. Acesso em 28/03/2024.

VASSEUR, Marie-Thérèse. Aquisição da L2: compreender como se aprende para compreender o desenvolvimento da competência em interagir em L2. *In*: DEL RÉ. **Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Editora contexto, 2006. p. 84-111.

VENTURI, Maria Alice. Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados. *In*: DEL RÉ, Alessandra. **Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística**., São Paulo: Editora contexto, 2006. P. 113-134.

ZIMMER, Márcia Cristina. O efeito da frequência e da consistência do *input* na aprendizagem da leitura em língua estrangeira. *In*: LAMPRECHT, Regina Ritter. **A aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 57-73.